

DESVENDANDO O ÍNTIMO ESPAÇO DA MODA DE NOVA FRIBURGO E REGIÃO, RIO DE JANEIRO

Aluno: Michell Douglas Alves da Costa

Orientador: Regina Célia de Mattos

Introdução

As transformações na organização da produção e na gestão da divisão do trabalho, ao longo dos últimos quarenta anos, promoveram profundas mudanças na organização das empresas, em seu dimensionamento, em sua localização, na qualificação do trabalho, mas, também, expandiu e transfigurou formas antigas e precárias de trabalho, como o trabalho em domicílio, por exercerem importante papel no processo geral de acumulação. O município de Nova Friburgo concentra a produção de moda íntima da região que é considerada a maior do país. Sua expansão ocorreu a partir dos anos de 1980 quando indústrias foram fechadas, desempregando grande parcela do operariado local. A saída para muitas famílias sobreviverem foi produzir moda íntima, domesticamente, sendo o trabalho em domicílio, portanto, um dos conteúdos da forma que esse espaço hoje possui.

Objetivos

O trabalho em domicílio integra as atividades do cotidiano já que é realizado, predominantemente, por mulheres que cuidam do lar, dos filhos, da família, portanto, partilha um espaço com múltiplos usos, integrados na mesma escala: a casa. Essa forma de trabalho é bastante presente no espaço produtivo de moda íntima do bairro de Olaria, no município de Nova Friburgo, o que nos leva a investigar a sua importância na organização desse espaço produtivo.

Metodologia

O arranjo espacial do bairro de Olaria possui duas escalas de produção: a das indústrias formais e das informais (Censo, 2004). As indústrias formais podem ser aquelas denominadas de lojas-fábrica, na medida em que a produção está nos fundos ou no sobrado da loja. As informais estão distribuídas pelas casas que tanto têm fabricação “própria” como, também, a produção terceirizada. A presença da informalidade constitui armaduras, tornando esse espaço um território demarcado por relações e poderes não visíveis, sendo a esfera da circulação, a sua expressão concreta.

O trabalho em domicílio, predominantemente feminino, permite a articulação do espaço da vida, da reprodução, e o do trabalho, da produção, territorialidades integradoras desse híbrido espaço. Embora prevaleçam as relações de vizinhança e de parentesco na arregimentação do trabalho, permanecem precárias as suas condições, ocorrendo diferentes formas de exploração nessas relações: nos baixos níveis de renda e nas condições de trabalho e ser condicionado e condicionar as tarefas domésticas.

O trabalho em domicílio integra o denominado espaço da produção e o cotidiano da família, o espaço da reprodução, sobrepondo-os, intercalando múltiplas práticas, evidenciando ser o espaço, um híbrido. No entanto, “a casa”, o “lar” é qualquer espaço? Para Yi-Fu Tuan, a partir da interpretação de Mello (2001), o lar, o lugar, são conceitos fundamentais em sua obra. Partindo do mundo vivido fenomenológico topofílico, o lar é um centro pleno de valores

e aspectos familiares indissociáveis, assim como de evocações que permitem a pessoa “sentir-se em casa”.

Massey (2000), por sua vez, analisa as múltiplas dimensões que podem representar, hoje, os lugares, diante do fenômeno da compressão espaço-tempo, fruto da expansão de vetores tecnológicos que ao aproximar os lugares, transforma o sentido do “lugar”. A autora também observa que a fluidez da informação, do “movimento”, ao contrário da interpretação de grande parte dos estudos desenvolvidos, promove uma diferenciação espacial, o que denomina “geometria do poder”, a partir do posicionamento dos diferentes grupos sociais diante desses fluxos e interconexões, propiciando, para alguns, um aprisionamento espacial.

Essas duas interpretações sobre o lugar, como o espaço da vida - vivido, concebido, mítico, sagrado, transitório ou eterno (Mello, 2001) ou como uma espaço hierarquizado, múltiplo e, ao mesmo tempo, singular pois a especificidade do lugar “deriva do fato de que cada lugar é o centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com os locais” (Massey, 2000), nos indicam possibilidades de compreender o tratamento dado a grande maioria das mulheres que em jornadas duplas e às vezes triplas, dedicam grande parte de seus dias para garantirem as condições possíveis da reprodução de sua família, seja no cotidiano, seja produzindo mercadorias para reproduzi-lo.

Conclusões

Nossas conclusões representam novas indagações: é o espaço do trabalho a domicílio um espaço da produção? O lar, a casa, ao se constituir fronteira do cotidiano e da produção de mercadorias, é lugar e espaço ao mesmo tempo, dependendo do uso das práticas sociais? Por outro lado, o trabalho doméstico ao se constituir espaço da reprodução da família, é, também, ao mesmo tempo, espaço da produção já que é o lugar que garante a formação da força de trabalho para o trabalho? São essas as novas questões que a pesquisa, com “vida própria”, coloca-nos como desafio.

REFERÊNCIAS

- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In. ARANTES, Antonio A. (org.). Campinas, SP: Papirus, 2000, p.176-185.
- MELLO, João B. Ferreira de. Descortinando e (re) pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.87-101.
- PROJETO “CENSO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES DE NOVA FRIBURGO”. Sumário Executivo, Instituto de Economia da UFRJ e SEBRAE/RJ, Março de 2004.